

O pensamento pedagógico de Paulo Freire e a Educação a Distância (EaD): aproximações entre dialogia, autonomia e emancipação através da Rede¹

Marcelo SABBATINI²
Universidade Federal de Pernambuco
Recife, Pernambuco, PE

RESUMO

Se fosse vivo, o que Paulo Freire diria sobre o atual “boom” da Educação a Distância (EaD)? Como resposta indireta, analisamos a apropriação das concepções educativas freireanas na literatura científica da EaD, constatando que o conceito de dialogia é utilizado pelos autores da área como argumento em contra uma visão meramente instrumental, massificada e mercantilizada desta modalidade de ensino. Outros conceitos igualmente importantes do ideário freireano identificados para se transpor essa visão tecnicista são a autonomia, emancipação e cidadania, mediados pela tecnologia educacional. Por fim, reconhecemos a necessidade da consciência crítica como premissa para os projetos de EaD, para que a teoria possa se transformar em prática e para que as contribuições de Paulo Freire ao campo não se limite a um discurso icônico em busca de legitimação.

PALAVRAS-CHAVE: educação a distância, Paulo Freire, educação libertadora, tecnologia educacional, cidadania.

Foram muitas mudanças em pouco tempo: o reconhecimento, inclusive de base legal, de que se trata de uma modalidade equivalente à educação presencial, sua adoção como ferramenta de promoção da democratização do conhecimento e de interiorização do ensino superior, sua emergência como bem valioso no mercado de serviços educacionais, tudo amparado por um cenário dinâmico e favorável de difusão das tecnologias de informação e comunicação na sociedade como um todo. Como resultado, ocorreu um crescimento explosivo na oferta de cursos, em todos os níveis e modalidades, através da educação a distância (EaD).

Porém, em que medida, tal como é proposta e efetivada através de distintas iniciativas em curso hoje no Brasil, a educação a distância alcança os objetivos de inclusão social ao qual se propõe? Ou pelo contrário, qual sua perspectiva de reprodução das estruturas de poder e

¹ Trabalho apresentado no GP Educação e Comunicação do XIII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Teoria e História da Comunicação, Mestre em Comunicação Social, Máster em Ciência, Tecnologia e Sociedade: Comunicação e Cultura. Professor do Centro de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática e Tecnológica – EDUMATEC (UFPE), email: marcelo.sabbatini@pq.cnpq.br.

de manutenção das práticas mais tradicionais que a educação jamais foi capaz de formular? E até mesmo anteriormente a esses dois pontos, seria possível educar através da Internet? Como ficaria a questão da qualidade do ensino e da aprendizagem se na EaD, por definição, existe um distanciamento físico, temporal, psicológico, entre o agente da educação e o educando? Estes são alguns dos questionamentos que ainda hoje repercutem no debate suscitado pelo crescimento dessa modalidade em nosso país. Diante desse cenário, podemos nos perguntar: qual seria a posição crítica de Paulo Freire em relação à educação a distância, no momento em que vivemos?

Antes de iniciar esta análise, algumas considerações precisam ser feitas. Em primeiro lugar, deveríamos nos perguntar: qual a relação de Paulo Freire com a tecnologia, especificamente com sua aplicação à educação? Apesar de ter coexistido em seu tempo de vida com grande parte das tecnologias que se propõem a transformar/salvar/revolucionar a educação, são poucos os registros do educador pernambucano em relação à tecnologia educacional.

Um primeiro indício surge através de um paradigmático encontro: Paulo Freire, mentor da educação libertária, e o norte-americano Seymour Papert, pioneiro da informática educativa e do construcionismo, isto é, do construtivismo piagetiano através da tecnologia. Em determinado momento, frente às afirmações de caráter revolucionário que Papert apresenta, Freire reage a uma perspectiva instrumental da tecnologia: “Por que não é só no ato de operar o computador, que eu entendo a razão de ser do computador” (FREIRE & PAPERT, 1996). Mais do que isso, o teórico brasileiro discordou da posição determinista do futurista colega de que a tecnologia levaria à desescolarização. Em sua visão, diante da cultura global mediatizada em expansão, seria cada vez mais importante fazer uso crítico da tecnologia, incluindo aí a conscientização acerca dela, na resolução dos diversos problemas, sociais, políticos e econômicos da sociedade brasileira.

Mas a questão da tecnologia não se limita a uma ferramenta de impacto cognitivo, como é o foco da informática educativa. Nesse sentido, os meios de comunicação de massa – num princípio, a televisão e o rádio, mas ampliando-se no contexto atual à Internet e às redes sociais – vêm sendo apontados pela comunidade acadêmica como ferramentas de democratização da educação. A esse respeito, um levantamento bibliográfico recente identificou um posicionamento coerente de Paulo Freire a respeito da tecnologia, ou seja, a

princípio positivo, porém, sem abandonar um questionamento crítico: “Faço questão de ser um homem do meu tempo. O problema é saber a serviço de quem e de quê, a informática estará na educação brasileira” (CALADO, 2001, p. 27, *apud* DE SOUZA & DE LIRA, 2010, p. 9).

Na mesma linha de pensamento, uma citação bastante conhecida estipula que “divinizar ou diabolizar a tecnologia ou a ciência é uma forma altamente negativa e perigosa de pensar errado” (FREIRE, 1978, p. 37), uma vez que tanto ciência como aplicação tecnológica poderiam estar à serviço das necessidades humanas.

Contudo, o resgate mais consciencioso sobre a relação entre Paulo Freire e a tecnologia educacional é realizado pelos norte-americanos Richard Kahn e Douglas Kellner (2007). Conforme notam os autores, ainda que a obra de Freire tenha alcançado repercussão internacional em temas como a alfabetização, consciência crítica e democracia radical, houve um interesse menor na “quarta plataforma principal do programa freireano”, isto é, no desenvolvimento econômico através da tecnologia. Num de seus últimos escritos (1995), Freire retorna a esse sentimento dúbio, ao identificar a revolução tecnológica como um dos pilares do capitalismo, em que pese seu potencial de modificação da realidade.

Considerando-se um “homem da televisão” e um “homem do rádio”, Paulo Freire acreditava no poder da cultura mediada pela tecnologia de informação e comunicação em moldar as identidades individuais e culturais, além de alterar a natureza da produção do conhecimento. Já como Secretário da Educação da cidade de São Paulo, nos anos 1990, Freire reconheceu a importância dos computadores para a escola, no sentido de serem ferramentas para impulsionar a educação rumo ao futuro e ajudar na superação do subdesenvolvimento nacional. Na tônica geral, Paulo Freire assumia uma posição dialética, baseada na tradição marxista, de compreender a tecnologia tanto como um potencial aparato de dominação, como de instrumento para a liberação e a superação das desigualdades sociais. Nesse sentido, as forças tecnológicas necessitariam ser politizadas, para atingir os objetivos de seu projeto humanístico (KAHN & KELLNER, 2007).

Unindo esses dois questionamentos, o do uso da tecnologia educacional mais além de uma visão puramente instrumental e o do caráter ideológico, social e político que é atribuído à

tecnologia em si, é que nos propomos, então, a analisar o pensamento pedagógico de Paulo Freire em relação aos discursos teóricos tecidos ao redor da educação a distância.

Cabe aqui considerar uma opção metodológica. Mais do que buscar as implicações do pensamento pedagógico freireano para a EaD, a partir de seus escritos, num trabalho de especulação teórica, buscamos evidências deste pensamento na literatura acadêmica da área. Em outras palavras, buscamos analisar a apropriação das concepções educativas da filosofia libertária de Paulo Freire no campo da EaD, e, a partir daí, retroceder à teoria original. Tal perspectiva encontra-se de acordo com uma de nossas linhas de pesquisa³, dedicada a identificar as contribuições dos fundamentos teóricos das Ciências da Educação, essencialmente em suas dimensões filosóficas e sociológicas, para um campo marcado pela fragilidade teórica e pela ascendência da prática, como é a EaD no Brasil. Mas qual a real dimensão do impacto do pensamento de Paulo Freire nesta área?

Paulo Freire na literatura científica da EaD

Um primeiro passo para a análise da contribuição do pensamento de Paulo Freire à temática da educação a distância é situar, quantitativa e qualitativamente, o uso de seu referencial na produção científica da área, através dos levantamentos bibliográficos, bibliométricos e meta-análises. Dessa forma, em um estudo de “estado da arte” sobre usos do computador na educação escolar, que analisou 107 trabalhos científicos no período de 1997 a 2007, ele surge como um dos autores mais citados, na medida em que seus textos “que partem de sua definição de educação popular, na qual os homens são sujeitos de sua própria educação” (PEIXOTO & ARAÚJO, 2012, p. 257).

Apesar desse protagonismo, numa perspectiva crítica também seria importante considerar a incompatibilidade entre as perspectivas da educação tecnológica e as da educação proclamada por Paulo Freire. Assim, o uso da tecnologia, mesmo em suas vertentes mais tradicionais (ensino por correspondência, rádio, etc.), foi incorporado no pensamento

³Este levantamento pode ser considerado uma etapa do projeto de pesquisa “Fundamentos sócio-filosóficos da educação e educação a distância (EAD): uma cartografia de relações, oposições e contribuições”, financiado pelo Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), sob o processo 402074/2011-4. Nesse sentido, o objetivo é identificar as contribuições das teorias clássicas da política, filosofia, sociologia e antropologia da Educação, abrangendo aqui a obra de Paulo Freire, para a teorização da educação a distância. Como nota metodológica, utilizamos a mesma base de textos reunidas para esta pesquisa de objetivo geral, de acordo com um enfoque qualitativo que priorizou a leitura em profundidade de textos significativos e ilustrativos dessa perspectiva. Dessa forma, não foi feita uma busca específica na produção científica e acadêmica que simplesmente citassem Paulo Freire, o que teria levado a um número maior de contribuições, mas com a consequente falta de especificidade.

pedagógico de autores como John Dewey, Célestine Freinet, Anísio Teixeira e Roquete Pinto, de forma que:

Não há dicotomia radical entre presencial e a distância, enquanto concepções antagônicas de educação. Afora o reducionismo que uma opção reduzida à lógica binária comporta, colocar-se a questão se, por sua natureza, a EaD seria bancária ou dialógica, pressupõe que o meio vá determinar a relação pedagógica” (LEMGRUBER, 2008, p. 77).

Dito de outra forma, não existiria nada inerentemente à modalidade (presencial ou a distância) que a tornasse uma pedagogia opressora ou libertadora por si só. Seria muito mais a forma de efetivar esses projetos que levaria a uma abordagem ou outra:

Sem a pretensão de aprofundarmos a questão, diríamos que a “modalidade” a distância pode “educar” desde que ela seja fundamentada e desenvolvida como um processo dialógico-dialético, fruto de uma intensa relação entre educador, educando e o mundo. Estamos tratando de uma educação libertadora, entre as várias “educações” que existem. Por isso, de imediato, cursos a distância que não incluem possibilidades de interação suficiente para que o diálogo entre estudantes e professores se realize, por exemplo, não poderiam estar relacionados a esta compreensão, que tem o educador Paulo Freire como expoente (CARVALHO, 2012, p. 4).

Na ausência de uma contraposição, quais seriam as aproximações entre uma linha e outra de pensamento? Uma primeira resposta reside no sentido atribuído ao fazer educativo. Mais que a mera existência da tecnologia, é o “trabalho coletivo e a transdisciplinaridade, o desenvolvimento de práticas educativas compartilhadas por diferentes atores, o estímulo do espírito de colaboração e da criatividade, além de favorecer condições de construção de conhecimento, com base na investigação e na solução de problemas” (LÜCK, 2008, p. 261) que se encontram no bojo dos argumentos em prol da educação a distância em sua atual configuração.

Similarmente, há uma aproximação entre a EaD e o legado freireano no sentido da “importância de entender o aluno como agente do processo pedagógico, de entender o diálogo como elemento fundante da relação pedagógica, de entender a valorização do saber do educando, são elementos que estreitam os laços ideológicos entre Paulo Freire e a EaD” (AQUINO, 2003, p. 6). Similarmente,

Entender o aluno como agente do processo pedagógico, promover o diálogo como elemento imprescindível da relação pedagógica, valorizar o saber do educando, aproximam o pensamento freireano da educação à distância interativa e colaborativa (RIBAS, 2010, p. 9).

Nessa linha de pensamento, tanto as proposições de Freire como a adoção da EaD como instrumento de democratização da educação estão alinhadas em prol de uma sociedade mais justa. Mas como isto ocorreria?

Dialogicidade e cooperação

Na crítica da chamada “educação bancária”, precursora das formas de doutrinação e de dominação do homem sobre o homem, encontramos na obra de Paulo Freire o diálogo, ou a dialogicidade, como um elemento fundamental. Como ato de humildade e de fé nos seres humanos, como ato de confiança, como forma de mediatizar o mundo, como superação do pensamento ingênuo, o diálogo é a base da “verdadeira educação” no pensamento freireano. Mas em que medida o diálogo, potencializado pelas tecnologias de informação e de comunicação, é apropriado nessa lógica, quando se trata da educação a distância? Como ponto de partida, um levantamento da produção científica dos programas de graduação e de pós-graduação buscou relacionar a prática dialógica freireana com a construção do conhecimento na aprendizagem *online*, com

A compreensão de que as práticas dialógicas com referenciais freireanos estão contribuindo para a construção do conhecimento na educação *online*, sustentando a conexão com o outro que não se limita a meros contatos, mas envolve o existir-se em ambientes digitais de ensinoaprendizagem. Dessa forma, tem ocorrido a superação de concepções pedagógicas arcaicas pautadas na transmissão de conteúdos. Nesse sentido, a dimensão colaborativa, que emerge da multiplicidade de intercâmbios na educação *online*, evidencia propostas voltadas à construção coletiva do conhecimento e não apenas aos avanços cognitivos individuais dos educandos. Existe uma preocupação clara por parte dos autores referenciados neste trabalho com a formação da consciência crítica na educação *online* (RAMACCIOTTI, 2010, p. 79).

A dialogicidade, então, aparece como uma das principais justificativas da modalidade EaD, segundo seus praticantes. Para Carvalho (2012), a aproximação entre o pensamento de Freire e o corpo teórico da EaD justifica-se pelo “que existe de incomum” tanto na proposta de uma pedagogia libertadora quanto da educação a distância, em comparação com a pedagogia tradicional. Em outras palavras, dialogicidade e conscientização por um lado; interatividade, pelo outro.

Mais além, Maria Lucila Pesce propõe, então, o conceito de “dialogia digital”:

A dialogia digital também preconiza a necessidade do mediador mapear o percurso cognitivo de cada educador em formação, mediante análise criteriosa das trocas intertextuais do ambiente telemático, de modo a

otimizar suas possibilidades de intervenção. Tal preocupação coaduna-se com os três eixos freireanos da interação dialógica: investigação temática, tematização e problematização do conhecimento. A mediação pedagógica do formador erguida em meio à construção de conceitos compartilhados com os docentes em formação é outro critério da dialogia digital. Tal procedimento acarreta o necessário respeito ao tempo de aprendizagem de cada educador em formação, sem que a intencionalidade pedagógica do mediador imponha-se às suas singularidades. Nesse sentido, o mediador simpatizante da dialogia digital deve atentar ao momento mais adequado para suas intervenções conceituais, de forma que estas realmente vinculem-se à demanda do grupo (OLIVEIRA, 2011, p. 10).

Em contraposição às concepções neoliberais contemporâneas, com a superficialidade e aligeiramento das relações humanas e a valorização da planificação e dos bens materiais, essa dialogia digital incorporaria o conceito de educação como atribuição de sentido à vida, como idealizada por Paulo Freire. Dessa forma, buscaria a aproximação de sujeitos, numa “ perspectiva crítico-reflexiva pós-formal”, com repercussões positivas para os processos formativos.

O distanciamento entre professor e aluno, por sua vez, também teria repercussões nas relações pedagógicas, estimulando um diálogo permanente entre ambos e entre os grupos constituídos. Dessa forma, existiria uma aproximação entre essa modalidade e uma abordagem cooperativa da educação, marcada pelo princípio da autogestão (D’AVILA, 2003).

Em suma, o conceito freireano de dialogia tem sido utilizado como argumento contrário a uma visão puramente instrumental da educação a distância, na qual o professor é reduzido a um mero facilitador. Esta ausência de participação crítica no processo dualístico de construção do conhecimento seria característica da figura do tutor, prevalecente em grande parte dos modelos de EaD em operação no mundo (KOP & HILL, 2008).

Autonomia, emancipação e cidadania

O sentido sociopolítico-pedagógico que Paulo Freire atribui à educação possui um fim: o reconhecimento da condição histórica do sujeito e de seu grupo, visando à libertação das amarras que determinam sua opressão. Tal emancipação, entretanto, somente ocorreria com homens e mulheres ativos, plenos de suas consciências e esperançosos da capacidade de intervenção no mundo. Em outras palavras, autônomos. É neste conceito tão caro à sua obra que encontramos uma ponte entre Paulo Freire e a EaD:

A palavra autonomia vai desenvolvendo novos avatares e hoje parece ser a palavra de ordem das propostas de educação a distância, pois o principal objetivo é o de facilitar o desenvolvimento da chamada aprendizagem autônoma. Neste tipo de aprendizagem, o professor precisa assumir-se como recurso do aluno, uma vez que tal processo é centrado no aprendente, que é identificado e se identifica como indivíduo autônomo e administrador dos conhecimentos adquiridos (ZUIN, 2006, p. 946).

Nesse sentido, a tecnologia viria ao socorro de uma “educação autêntica”, pela construção coletiva do conhecimento através de comunidades virtuais nas quais a história, a cultura e os valores do educando seriam não somente reconhecidos, mas utilizados como elementos motores desse processo.

Um exemplo real (e atual) dessa linha de pensamento pode ser encontrado no projeto político-pedagógico da Licenciatura em Matemática da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, fundamentada sobre o conceito dos “temas geradores” da perspectiva freireana. Nesse caso, esses temas foram escolhidos a partir do contexto dos receptores do curso, o semiárido nordestino, em todas suas vertentes (geográfica, cultural, histórica, etc.). O objetivo de alcançar a autonomia do educando seria realizado, então, a partir da perspectiva do diálogo e da colaboração (CARVALHO, 2009).

Da mesma forma, e tomando o “gancho” da formação de professores, a metodologia freireana aplicada à EaD assume um compromisso político, ao estabelecer uma contraposição à hegemonia dominante, através de uma pedagogia libertária:

(...) torna-se um desafio desenvolver uma metodologia de formação de professores mediada pelos diálogos nos círculos de cultura no ciberespaço tal como nos propomos com essa pesquisa. Implica criar uma força contrária à tendência hegemônica dominante. Em suma, é considerar a docência numa perspectiva emancipadora, o que implica que devemos ser um guia amigável (Gramsci), em função de uma pedagogia criadora-autônoma (Castoriadis), amorosa-dialógica (Freire) e reflexiva (Gur-Ze’ev), que é o fundamento da democracia, com uma concepção de técnica que ultrapassa os ditames tecnicistas (Kellner) e que comporta um devir heterogêneo, onde o respeito ao diferente deve estar presente em uma pedagogia realmente crítica. (MORAES, 2006, pp.8-9).

Também cabe notar que o contexto mais amplo, além da realidade local de uma comunidade – globalização, rápidos avanços tecnológicos, multiculturalismo, etc. – encontra-se diretamente relacionado com a ideia de autonomia. Nesse sentido, o crítico do tecnicismo Douglas Kellner se apropria da ideologia freireana, ao defender que a tecnologia deve ser apropriada em prol da libertação humana, da democracia e da justiça social. Para

isso, seria preciso abandonar as posições extremas da tecnofobia e da tecnofilia, evitar o determinismo tecnológico e, ao mesmo tempo, reconhecer as limitações e vieses do uso da tecnologia (KELLNER, 2004).

Contudo, essa concepção da educação como submissão à autoridade deixaria de ter sentido numa sociedade pós-industrial? Se na teoria, o novo cenário exige uma força de trabalho “alfabetizada tecnicamente e sensível culturalmente” além de formada por cidadãos bem informados e participativos capazes de renovar a democracia, também existem indícios de uma “docilidade” por parte dos indivíduos, nos vários aspectos da vida, colocando-os sempre a serviço do capital. Para escapar desse paradoxo, seriam necessárias relações mais igualitárias, democráticas e cooperativas, incluindo aqui as relações pedagógicas.

Como se vê, em contraposição à concepção hegemônica, a fundamentação teórica da educação a distância assume elementos da educação emancipadora, reflexiva e democrática proposta por Freire. Sintetizando, essa concepção crítica entende que o desafio das práticas em EaD é superar a tendência hegemônica, a partir de uma “pedagogia realmente crítica”.

Contraposição ao tecnicismo

Como vimos, a apropriação do pensamento de Paulo Freire pelos autores envolvidos na EaD se volta a uma abordagem sociocultural, entendendo o fenômeno educativo como um ato político e social abrangente. Nesse sentido, as relações pedagógicas teriam como fim último a superação das relações de dominação, através da conscientização e do objetivo último de emancipação humana.

Especificamente, as teorizações no campo da EaD situam o pensamento de Paulo Freire como oposição à tendência tecnicista da educação, corrente da tradição de educação liberal iniciada a partir do século XIX. Baseada numa concepção filosófica realista, o tecnicismo coloca os objetivos do processo educativo na preparação de indivíduos capazes de atuar na sociedade capitalista e assume critérios internos de organização, planejamento eficiência e produtividade moldados nas organizações industriais e por uma inequívoca vocação mercantilista e empresarial (PRETI, 2001).

No plano da mediação pedagógica, o tecnicismo situou (ou melhor, situa, dado à detecção hoje de um “neotecnicismo”) a “transmissão” do conhecimento de uma realidade preexistente como núcleo central do processo e para a qual a tecnologia educacional seria de grande auxílio (ARAÚJO, 2007). Na mesma linha, Godoy (1997, *apud* MATTAR, 2007, p. 113) conceitua a expressão “EBAD – Educação Bancária A Distância), associando o processo educativo mediado tecnologicamente com as transações literalmente bancárias realizadas através da Internet, numa prática antidualógica.

Portanto, observa-se uma dicotomização em relação à implementação da educação a distância, ora calcada nas práticas tradicionais (instrucionistas, autoritárias, reprodutoras do conhecimento), ora numa perspectiva que valoriza a interatividade e a cooperação mútua. Qual prevalecerá? Se as características do contexto político e econômico de nosso tempo, marcado pela complexidade, apontam para o modelo que privilegia pensadores independentes, críticos, etc., a própria predominância da ideologia de mercado se volta aos princípios tecnicistas (BARRETO, 2008, p. 931-932).

Finalmente, as novas perspectivas teóricas sendo exploradas pela emergência da informação/comunicação/interação através das redes digitais também se ampara numa crítica à educação tradicional. Como argumenta Bell (2011, p. 100), “as teorias da aprendizagem baseadas somente na premissa de que os alunos são ensinados pelos professores, geralmente numa sala de aula, não proporcionam um quadro adequado para pensarmos e agirmos no mundo digitalmente saturado e conectado em que vivemos”. Citando a “teoria radical da educação” de Freire, a aprendizagem também ocorreria em situações e ambientes não dotados de uma intencionalidade explícita de processo educativo, além de não poder ser dissociada das relações de poder que se estabelecem no contexto mais amplo.

Um ícone para a EaD?

Como vimos, a educação humanística e problematizadora de Paulo Freire, na vertente da dialogicidade, da educação vista como uma preparação para a cidadania e para a autonomia, mesmo na crítica do tecnicismo, tem encontrado reverberações positivas na produção acadêmica em EaD. Contudo, nas palavras de Ana Beatriz Carvalho (2009, p. 176), existe uma diferença “entre o dito e o feito no uso das tecnologias na educação a distância”.

Qualquer proposta freireana para a modalidade, diante do enfoque instrumental e tecnológico frequentemente atribuído a esta, deverá levar em conta essa premissa, além de

Refletir sobre esta dificuldade não como uma incompatibilidade entre o usuário e a máquina que precisa de “capacitação” ou “treinamento”, mas sim, nas concepções de aprendizagem que estruturam o uso destas tecnologias e sua transposição para a prática pedagógica. O uso destes dispositivos tecnológicos não substitui ou invalida a necessidade de uma estratégia cuidadosamente elaborada pelos professores envolvidos no processo. O que se observa atualmente, de forma generalizada, é que os projetos político pedagógicos dos cursos a distância propõem uma linha de atuação sócio-interacionista, construtivista, centrada no aluno etc, mas muitas das estratégias utilizadas no uso destas tecnologias estão profundamente impregnadas de aspectos que remetem a propostas diametralmente opostas. Esta mistura de concepções pedagógicas não é característica da educação a distância; o presencial sofre a mesma ambiguidade. A questão é que a inserção da tecnologia na aprendizagem, por razões relacionadas com a sua própria estrutura (cartesiana, fixa, mecânica), acaba por remeter sua prática aos conceitos mais conservadores da aprendizagem (CARVALHO, 2009, p. 176).

Como observação subjetiva, nos foros de discussão acadêmica dedicados à educação a distância, parece haver um consenso, e um certo descontentamento, em relação à barreira cultural que os projetos devem vencer, no sentido de superar o ensino centrado no professor e a passividade dos aprendentes. Como bem nota Maia (2008), os altos níveis de interação praticados através das redes sociais pela juventude dos “nativos digitais” não teria reflexo nos ambientes virtuais de aprendizagem, espelhos da educação tradicional quanto à apatia e à falta de motivação.

Para Preti (2001), essa contradição entre as propostas e a implementação dos projetos de educação a distância ocorre também no nível discursivo, no qual os processos dialógicos e a perspectiva construtivista, com o aprendente como centro do processo, constituem a tônica geral. Na prática, as ações se enquadrariam num modelo fordista, burocratizado, sem identidade regional, com a marginalização da dimensão humanizadora da educação. Voltando então às proposições do pensamento freireano quanto à educação a distância, podemos nos questionar: em que medida tais ideais são/estão/serão operacionalizados, frente às barreiras culturais e organizacionais do mundo real?

Dado à lacuna entre teoria e prática, como alcançar os ideais de transformação, de quebra de paradigmas que tanto Paulo Freire, em seu tempo, como o movimento da EaD, nos nossos, preconizam? Talvez um primeiro passo seja o próprio reconhecimento dessa

situação, de forma crítica, situando a própria educação a distância no contexto de seu lugar histórico, para utilizar a terminologia de Freire:

Analisando a evolução tecnológica cada vez mais acelerada, percebemos que, como educadores, estamos defasados em relação às mutações do mundo moderno e suas respectivas demandas educacionais. Temos falhado não apenas pela dificuldade que temos em encontrar ou propor soluções que permitam um maior acesso à esses novos recursos por parte da maioria da população economicamente desfavorecida e marginalizada, mas, sobretudo, pela ausência de um modelo adequado de formação do professor para o uso competente dessas novas tecnologias nos ambientes escolares. Estamos falhando por falta de metodologias mais adequadas e epistemologicamente mais atualizadas, inspiradas em paradigmas que facilitem a operacionalização dos trabalhos na direção construtiva e criativa que almejamos. Estamos falhando porque não estamos formando, adequada e oportunamente, as novas gerações para enfrentarem os desafios atuais, já que estamos educando com metodologias cientificamente defasadas, usando tecnologias que camuflam velhas teorias a partir de propostas que continuam vendo o aluno como um mero espectador, um simples receptor de estímulos, um eterno copiator e reproduzidor de informações (MORAES, 2002, p. 3).

Portanto, diante do impasse, podemos indagar: será que o pensamento pedagógico de Paulo Freire se limitará a um ícone, isto é, uma imagem que apresenta semelhança com o objeto que pretende representar, mas sem alcançá-lo? Ou suas proposições podem efetivamente servir de inspiração, de premissa, de guia para os projetos que venham a se consolidar no campo da educação a distância? Relembrando o próprio Freire, esse caminho passa necessariamente pela adoção de um espírito crítico:

Uma leitura de mundo crítica implica o exercício da curiosidade e o seu desafio para que se saiba defender das armadilhas, por exemplo, que lhe põem no caminho as ideologias. As ideologias veiculadas de forma sutil pelos instrumentos chamados de comunicação. Minha briga, por isso mesmo, é pelo aumento de criticidade com que nos podemos defender desta força alienante. Esta continua sendo uma tarefa fundamental de prática educativo-democrática (FREIRE, 2000, p. 48).

Com isto, esperamos que a pedagogia freireana não sirva somente como um ícone legitimador no discurso das ações, estudos e pesquisas neste campo. Em outras palavras, que citar Paulo Freire e seus conceitos associados não se limite à distância entre desejo e ação, mas que possa orientar os projetos político-pedagógicos, nos diversos níveis e modalidades educativas, em busca de uma tão desejada mudança paradigmática.

Referências

- AQUINO, Mirian de Albuquerque. Educação para a autonomia: um diálogo entre Paulo Freire e o discurso das Tecnologias da Informação e Comunicação. Colóquio Internacional Paulo Freire, Recife, 2003. In: **Anais** [online]. Disponível em <[http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/bds.nsf/4066990953dd6e4e03256f9c004dbde8/\\$file/nt000a3742.pdf](http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/bds.nsf/4066990953dd6e4e03256f9c004dbde8/$file/nt000a3742.pdf)>. Acesso em 17 nov. 2009.
- ARAÚJO, Maristela Midlej Silva de. O pensamento complexo: desafios emergentes para a educação on-line. **Revista Brasileira de Educação** [online], v. 12, n. 36 set./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n36/a10v1236.pdf>>. Acesso em 9 set. 2012.
- BARRETO, Raquel Goulart. As tecnologias na Política Nacional de Formação de Professores a Distância: entre a expansão e a redução. **Educação e Sociedade** [online], Campinas, v. 29, n. 104 - Especial, pp. 919-937, out. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v29n104/a1329104.pdf>>. Acesso em 12 set. 2012.
- BELL, Frances. Connectivism: its place in theory-informed research and innovation in technology enabled learning. **International Review of Research in Open and Distance Learning** [online], v. 12.3, march 2011. Disponível em: <<http://www.irrodl.org/index.php/irrodl/article/view/902/1664>>. Acesso em 12 mar. 2012.
- BLIKSTEIN, Paulo; ZUFFO, Marcelo Knörich. As sereias do ensino eletrônico. In: SILVA, Marcos (org.) **Educação online**. São Paulo: Loyola, 2003. Disponível em: <<http://www.blikstein.com/paulo/documents/books/BliksteinZuffo-MermaidsOfE-Teaching-OnlineEducation.pdf>>. Acesso em 11 set. 2011.
- CARVALHO, Alex Moreira. Educação a distância: esboço de uma análise ético-política. **Revista PUC Viva** [online], n. 24, 2005. Disponível em: <http://www.apropucsp.org.br/revista/r24_r04.htm>. Acesso em 12 set. 2012.
- CARVALHO, Ana Verena; MATTA, Alfredo Eurico Rodrigues. Paulo Freire e EaD: campo de múltiplas relações. In: 13º CIAED Congresso Internacional ABED de Educação a Distância, Foz do Iguaçu, 2 a 5 de setembro de 2007. **Anais...** Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2007/tc/542007104611AM.pdf>>. Acesso em 2 jun. 2013.
- CARVALHO, Jaciara de Sá. A formação para a cidadania na educação superior a distância: para além do direito ao acesso. In: **ESUD 2012 - IX Congresso Brasileiro de Ensino Superior a Distância**, Recife, 19 - 21 ago. de 2012.
- CARVALHO, Ana Beatriz Gomes. **A Educação a Distância e a formação de professores na perspectiva dos estudos culturais** (Tese de Doutorado). João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2009.
- D'ÁVILA, Cristina Maria. Pedagogia cooperativa e Educação a Distância: uma aliança possível. **Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 12, n. 20, pp. 273-285, jul./dez., 2003.
- DE SOUZA, Avansia Maria; DE LIRA, Jaqueline Alves. Concepções Freireanas sobre as TICs e a Educação a Distância. In: 3º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação, Recife, 2-3 de dezembro de 2010. **Anais...** Disponível em: <<http://www.ufpe.br/nehte/simposio/anais/Anais-Hipertexto-2010/Avansia-Souza.pdf>>. Acesso em 2 jun. 2013.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967. Disponível

em: <http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/otp/livros/educacao_pratica_liberdade.pdf>. Acesso em 2 jun. 2013.

_____. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos [online]. São Paulo: UNESP, 2000. Disponível em:

<http://www.mda.gov.br/portal/saf/arquivos/view/ater/livros/Pedagogia_da_Indignacao.pdf>. Acesso em 2 jun. 2013.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

FREIRE, Paulo; PAPERT, Seymour. **O futuro da escola**. São Paulo: TV PUC, 1996. Disponível em: <<http://www.paulofreire.ce.ufpb.br/paulofreire/Controle?op=detalhe&tipo=Video&id=37>>. Acesso em 2 jun. 2013.

GODOY, P. Educação a distância ou ensino a distância. Educação a Distância – EAD (comunidade do Orkut, 5 jan. 2007).

KELLNER, Douglas. Technological transformation, multiple literacies, and the re-visioning of Education. **E-Learning** [online], v. 1, n. 1, 2004. Disponível em: <<http://www.wwwords.co.uk/rss/abstract.asp?j=elea&aid=1771>>. Acesso em 12 mar. 2012.

KOP, Rita; HILL, Adrian. Connectivism: Learning theory of the future or vestige of the past? **International Review of Research in Open and Distance Learning** [online], v. 9, n. 3. oct. 2008. Disponível em: <<http://www.irrodl.org/index.php/irrodl/article/view/523/1103>>. Acesso em 12 maio 2011.

LEMGRUBER, Márcio Silveira. Educação a Distância: para além dos caixas eletrônicos. Rio de Janeiro: **Revista do SINPRO** [online], v. 02, p. 42-9, 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/conferencia/documentos/marcio_lemgruber.pdf>. Acesso em 12 maio 2012.

LÜCK, Ester Hermes. Educação a distância: contrapondo críticas, tecendo argumentos. **Educação** [online], Porto Alegre, v. 31, n. 3, pp. 258-267, set./dez., 2008. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/4480>>. Acesso em 3 nov. 2010.

MAIA, Carmen. Na rede sim, na educação não. **Revista Fonte – A Educação e as Novas Tecnologias Digitais** [online], Belo Horizonte, dez. 2008. Disponível em: <www.educacaoadistancia.blog.br/revista/ucp_carmemmaia.pdf>. Acesso em 14 jun. 2010.

MATTAR, João. Interatividade e aprendizagem. In: LITTO, Frederic M.; FORMIGA, Marcos. (orgs.) **Educação a distância**: o estado da arte. São Paulo: Pearson Education, 2009. pp. 112-119.

MORAES, Maria Candida. Tecendo a rede, mas com que paradigma? In: _____ (org) **Educação a distância**: fundamentos e práticas. Campinas, SP: Unicamp - NIED, 2002.

MORAES, Raquel de Almeida. Aula virtual e democracia: uma pedagogia crítica no ciberespaço. I.: **4º Seminário Nacional ABED de Educação a Distância**, Brasília, 2006. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/seminario2006/pdf/tc004.pdf>>. Acesso em 12 abr. 2012.

OLIVEIRA, Lucila Maria Pesce de. As contradições da institucionalização da Educação a Distância, pelo estado, nas políticas de formação de educadores: resistência e superação. **Revista HISTEDBR On-line** [online], Campinas, n. 26, p. 183-208, jun. 2007. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/26/art11_26.pdf>. Acesso em 2 jun. 2013.

_____. Dialogia digital: em busca de novos caminhos à formação de educadores, em ambientes telemáticos. In: 27ª Reunião da ANPED, Caxambu, 21 a 24 de novembro

de 2011. **Anais...**Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/27/gt08/t0812.pdf>>. Acesso em 2 jun. 2013.

REVISTA PAIDÉI@. Entrevista com os professores Marcos Silva e Edméa Santos. **Revista Paidéi@** [online], Santos, v. n. 1, 2008. Disponível em: <[http://revistapaideia.unimesvirtual.com.br/index.php?journal=paideia&page=article&op=view&path\[\]=31&path\[\]=22](http://revistapaideia.unimesvirtual.com.br/index.php?journal=paideia&page=article&op=view&path[]=31&path[]=22)>. Acesso em 2 jun. 2013.

PEIXOTO, Joana; ARAÚJO, Cláudia Helena dos Santos. Tecnologia e educação: algumas considerações sobre o discurso pedagógico contemporâneo. **Educação e Sociedade** [online], v. 33, n. 118, pp. 253-268, jan.-mar. 2012. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/es/v33n118/v33n118a16.pdf>>. Acesso em 2 jun. 2013.

PRETI, Orestes. A formação do professor na modalidade a distância:(des)construindo metanarrativas e metáforas. **Revista Brasileira de Estudos da Pedagogia** [online], Brasília, v. 82, n. 200/201/202, pp. 26-39, jan.-dez., 2001, Disponível em: <http://cecemca.rc.unesp.br/cecemca/EaD/artigos/ead_rbep_200.pdf>. Acesso em 3 nov. 2010.

RAMACCIOTTI, Angélica Santos. **A prática de diálogo em Paulo Freire na educação on-line, uma pesquisa bibliográfica digital: aproximações**. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010. Disponível em: <http://acervo.paulofreire.org/xmlui/bitstream/handle/7891/139/FPF_PTPF_07_0002.pdf>. Acesso em 2 jun. 2013.

RIBAS, Isabel Cristina. Paulo Freire e a EaD: uma relação próxima e possível. In: 16º CIAED Congresso Internacional ABED de Educação a Distância, Foz do Iguaçu, 31 de agosto a 3 de setembro de 2010. **Anais...**Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2010/cd/3042010090204.pdf>>. Acesso em 2 jun. 2013.

SABBATINI, Marcelo. Arapuça, mina de ouro ou futuro inevitável? Análise de conteúdo do discurso sobre a educação a distância (EaD) na mídia generalista e setorial do ensino privado. In: XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Fortaleza, 3 a 7 de setembro de 2012, **Anais** [online]...São Paulo: Intercom, 2012. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/sis/2012/resumos/R7-2039-1.pdf>>. Acesso em 2 jun. 2013.

ZUIN, Antonio A. S. Educação a Distância ou educação distante? O Programa Universidade Aberta do Brasil, o tutor e o professor virtual. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 27, n. 96 - Especial, pp. 935-954, out. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v27n96/a14v2796.pdf>>. Acesso em 12 maio 2012.